

# HOMEM CRISTO

Em Aveiro, terra-planície sucada de canaes, e ondinas brandas de verdura macia, móra o leão do jornalismo portuguez, o ardoroso campeão do panfleto impulsivo. Em Aveiro isolado da refrega avarenta das multidões endurecidas prá arte, das «cottoneries» bajuladoras por calculo, dos zoilos do soalheiro que gastam diariamente as esquinas poeirentas da Havaneza e Brasileira do Chiado.

Foi lá que nós fômos interrogar o individualismo agreste e ativo de Homem Cristo. Compreender melhor o segredo do seu estilete rubro, no painel revoltado das suas doutrinas, na braveza agressiva dos seus trovões cutilantes.

«O De Aveiro» é um Tabôr. Donde continuamente se despenham raios. Donde o vigor do bisturi — transformado em machado—arranca chamas de odio, labaredas quentes de admiração.

O perfil robusto de Homem Cristo ainda não mereceu aos mesquinhos mais do que a sombra do odio, sombra que é o proprio medo tenuisado.

Aquele indomito combativo a quem um desprezo superior isola das multidões, aquele solitario bravo que só comunica com as multidões de chicote em punho, tem recebido dos mesquinhos todas as afrontas, todas as perseguições comuns aqueles que não sabem transigir, aqueles para quem o povoado é o motivo que justifica as costas.

A patria que teve para Homem Cristo o exilio, a cadeia, o insulto, jámais teve para ele a justiça.

As multidões que o lêem sofregas, jámais tentaram reevindicar a sua personalidade das garras da calunia e da perseguição.

Essa justiça fazemol-a, hoje, nós. Nós que temos a coragem das afirmações, nós que não temos a covardia de temer desagradar a A. E. S. Nós que consideramos Homem Cristo a Rebeldia em pessoa, a pessoa com quem a Conveniencia jámais conseguiu ter relações.

Porisso o fomos procurar em Aveiro, porisso fomos a Aveiro para o procurar, a Aveiro que é a sua montanha, o seu refugio, o inviolavel reducto donde ele atira as frechas do combate.

Numa sala quadrada de familia ingleza dum sabôr parnasiano e sonoro de vibrações, o director de «O de Aveiro» — em caudalozidades de expansão viva e mordaz, diz-nos :

—Eu principiei no jornalismo por simples amator... Como ainda hoje sou. Tinha 17 anos. Entusiasmados por «essa coisa» que chamam Democracia, deixei-me arrastar pró radicalismo do tempo num impeto inflamatório de crença. E comigo toda a legião dos palidos republicanos. Escrevia de vez em quando uns artigos, publicados por favor, e embrionados no diletantismo das letras. Era official do exercito. Fundo o «Povo de Aveiro»... semanario local, que me deixava um «deficit» annual de 15\$00. Escrevia pouco... e com prejuizo. Foi em 82...

E a tiragem foi aumentando pouco e pouco. Até atingir 300 exemplares. Bons tempos... Belos tempos... Veio a revolta do Porto. Fui demittido do exercito. A braços com a miséria, mas animado por uma resistencia sem limites não me deixei vencer. Pedi pouca ajuda aos republicanos. E abandonaram-me, isolaram-me, esses bandidos. Eu não servia para o rebanho. Eu insubordinava o rebanho.

E Homem Cristo faz uma pausa demorada. Numa evocação longinqua de poente que se esvae.

O seu dialogo refervê amargura. Uma amargura grandiosa e solene.

—Eu conheço bem todos esses patifes. Por isso adivinhava o que seria uma Republica nas suas

mãos, conduzida pelas suas cabeças frivolas e cobiçosas.

E atirei-me pró jornalismo em busca do amargo pão.

Revoltado pela injustiça dos homens e a ingratidão dos companheiros. Principiou aqui a minha perseguição implacavel, numa luta atroz e violenta, cruel, mas verdadeira. Tentaram por todas as formas inutilisar o meu trabalho. Massacrar a minha reabilitação. Tudo eles tentaram, alimentando contra mim um odio torvo e mesquinho, latente e conspirador.

E «O Povo de Aveiro» passou de jornal local a organo nacional. Consegui nma tiragem de 30:000 exemplares. Um conto de reis por mez, receita liquida. O meu triunfo alargava-se, avassalava o paiz. Mas a onda negra dos vampiros voltou á carga. Eu era um fantasma que os apavorava.

Mataram-me á fome!... Oh! o prazer de me matarem á fome! E suspenderam-me o jornal. Perseguiaram-me, exilaram-me, sob o ambiente duma campanha surda, extravasada do lôdo das almas vis, das almas funebres.

E triunfei. Isolei-me aqui porque não quero conviver mais com os mesquinhos. Detesto esta geração nula, nos seus processos e na sua mentalidade.

Sou um temperamento combativo. Porisso hei-de azourraga-los sempre, vergasta-los na sua funda mediocridade.

—Não tenciona abandonar o jornalismo?

—Não. Os talentos convencionaes do meu tempo não-de sentir-me sempre. Não escrevo por outro estimulo que não seja o meu prazer. A patria é um peetexto para eu escrever. A politica um motivo. Eu já não amo a patria, a politica já não me interessa. Só amo a minha pena. Só me interessa o meu odio por tudo que é msdiocre e pestifero. Aliás quando chegamos ao crepusculo da vida já poucas coisas a mamos, já quasi nada nos interessa.

Eu sinto-me bem contra todos. Eu deixaria naufragar voluntariamente a minha personalidade no dia que estivesse a favor de alguem.

Brevemente publicarei um livro sobre a longa trajetória da minha vida. Aí detalharei tudo.

—Qual é a estetica do seu jornalismo?

—Não tenho estetica... Agarro alem naquela pena como quem agarra num pau. É desato por aí fóra a dar bordoadas em toda essa gente cstupidificada. Habituêi os leitores á rispidez, á frase hostil, ferina e galpejante. E os meus leitores formam um nucleo especial. Já me compreendem, bem integrados no meu habito. Eduquei-os. De resto, não tenho em mira qualquer desejo material. Tudo o que fôr digno de ser publicado tem aqui bom acolhimento.

Adquiri a minha independencia. Mas não foi pela imprensa.

Quero viver aqui, solitario. Eu e a minha pena. Eu e o meu desprezo.

E Homem Cristo sorri-se. Com o seu humorismo de rebelde, ocultando as energias intensas, da sua rigidez inflexivel.

Não era aquele o leão adormecido. Era ainda o leão fogoso prestes a mergulhar de novo pelas estradas erradas do infinito. Pelas vastidões dos horisontes, debruçados sobre as criptas das cordilheiras.

Cá fóra a noite era sombria. Dum sombrio parado.

Saimos.

Lá dentro ficava um Homem de cabelos brancos, que as turbacões da vida esfacelaram, que a miseria de muitos tentou despedaçar do seu pedestal sobranceiro, sobre as cumiadas.

Lá dentro a beleza. Cá fóra o negro. O lobrego. O triste inverno da vida.